PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 40 Abril de 1970 Ano VI

Atualidade das Idéias de Lênin

O nome de Vladimir Ilitch Lênin, um dos maiores gênios da Humanidade, domina tôda uma época da história universal. Desde a última década do século passado até os dias de hoje, suas idéias imortais iluminam a árdua caminhada dos povos em busca da completa libertação. Foi o dirigente da Grande Revolução de Outubro que descortinou novas e brilhantes perspectivas para os explorados e oprimidos, assinalando o início da derrocada final do capitalismo. A concepção marxista revolucionária, à qual ligou definitivamente seu nome, apodera-se mais e mais das massas e se transforma em fôrça invencível que, como avalanche, leva de roldão tudo que é retrógrado e obscurantista. Por isso mesmo, em todos os continentes, os trabalhadores e as fôrças populares comemoram entusiasticamente, neste mês, seu centenário de nascimento. A comemoração se verifica no momento em que se estende, em vasta escala, a rebelião das massas contra os opressores e quando boa parte da população do globo vive sob o regime socialista. As idéias de Lênin afirmaram-se de maneira irresistível, comprovaram na vida a sua justeza e triunfaram plenamente.

Os revisionistas soviéticos fazem grande alarde a propósito do centenário de Lênin. Realizam pomposas conferências, suntuosos atos comemorativos e reuniões solenes. E, não satisfeitos em mobilizar seus apaniguados em todos os países, chegam à infâmia de propor despudoradamente que a ONU, na qual dominam os Estados Unidos, celebre também êsse centenário. Incorporam, assim, os imperialistas ianques às festividades por êles promovidas. Tôda esta febril agitação visa a dar uma imagem deturpada de Lênin. Objetivam os revisionistas embair a opinião pública e utilizar cinicamente o prestígio do fundador do bolchevismo para fins social-imperialistas e contra-revolucionários. Comportam-se como os filisteus burgueses aos quais Lênin causticou ao afirmar que as classes opressoras, depois da morte dos grandes revolucionários, "tentam convertê-los em santos inofensivos, canonizá-los, por assim dizer, cercar seus nomes de uma certa auréola de glória para 'consolar' e enganar as classes oprimidas, castrando o conteúdo de sua doutrina revolucionária, cegando o seu gume revolucionário, envilecendo-a".

O Partido Comunista do Brasil registra o 100º aniversário de Lênin expressando sua profunda admiração pelo inesquecível guia do proletariado mundial e seu reconhecimento pela imensa contribuição que êle deu à causa dos trabalhadores. Esforçando-se para se tornarem verdadeiros discípulos de Lênin, os comunistas brasileiros procuram assimilar suas idéias e agir em consonância com elas. Buscam nas cristalinas fontes do leninismo lições e estímulo para orientar-se com acêrto na complexa luta do povo por sua emancipação. Tôda vez que assim têm procedido, alcançam importantes êxitos. Os ensinamentos de Lênin sôbre o Partido, a luta ideológica, o papel das massas, a violência revolucionária e o internacionalismo, entre inúmeros outros, constituem, hoje, poderosos meios nas mãos dos revolucionários. Ajudaram os comunistas brasileiros nos anos difíceis da maré montante do revisionismo que avassalava o movimento operário, a defender o partido do proletariado, a manter-se nas posições marxistas-leninistas e a traçar uma orientação correta.

Precisamente por permanecerem fiéis às idéias de Lênin sôbre o Partido, os comunistas brasileiros reorganizaram, em 1962, o Partido Comunista do Brasil. O criador do primeiro Estado Socialista considerava o Partido como o instrumento fundamental da revolução. À

(Continua nas páginas seguintes)

tarefa de construir a vanguarda da classe operária dedicou o melhor de seus esforços. Empenhou-se na edificação de um partido de nôvo tipo, bem diferente dos antigos partidos social-democratas, efetivamente revolucionário por sua teoria e sua prática. Esta organização teria que ser coesa e disciplinada, constituída por revolucionários conseqüentes, homens e mulheres provados, capaz de enfrentar os mais tempestuosos choques de classes. Queria um partido para os combates mais encarniçados, que não temesse as dificuldades, não perdesse o rumo nem com os êxitos nem com os fracassos. Forjou, assim, o Partido Bolchevique, principal artífice da Revolução Proletária e da construção socialista na União Soviética. Propugnando uma indestrutível unidade no Partido, opunha-se, por todos os modos, à coexistência nas fileiras partidárias de revolucionários e oportunistas. Preconizava a rutura orgânica, radical, com os partidos que se desviavam do verdadeiro caminho da revolução. Quando no curso da I Guerra Mundial, os dirigentes dos partidos da II Internacional traíram os interêsses fundamentais dos trabalhadores, Lênin não hesitou em desmascará-los e indicar a necessidade da formação de novos partidos que pudessem desempenhar efetivamente as funções de vanguarda do proletariado. Agora, quando os entrechoques de classes se tornam mais agudos e se evidencia mais claramente a traição revisionista, a concepção de Lênin sôbre o Partido adquire maior oportunidade.

Alicerçados nesta concepção, os comunistas brasileiros romperam com os revisionistas que renegaram o marxismo e conduziam o movimento operário no país à capitulação diante da burguesia. Desde 1957, sob a influência direta do XX Congresso do PCUS, afloravam no Partido sérias tendências que o levavam a trasformar-se num partido social-democrata. A linha política aprovada em março de 1958 e as decisões do V Congresso, em 1960, que se afastavam do marxismo-leninismo, acabaram por liquidar o partido da classe operária. Simultâneamente com esta traição dos revisionistas, proliferavam também teses liquidacionistas que negavam a necessidade do Partido e defendiam a formação de agrupamentos pequeno-burgueses. Imbuídos do preceito leninista de que a classe operaria não possui na luta contra seus inimigos outra arma que a organização baseada nos princípios, os comunistas convocaram e realizaram a Conferência Nacional Extraordinária de fevereiro de 1962 e separaram-se definitivamente dos oportunistas dirigidos por Prestes. Os sucessos alcançados pelo PC do Brasil, após sua reorganização, vieram comprovar, uma vez mais, a justeza dos fundamentos leninistas sôbre o Partido. Na presente situação, mais do que em qualquer outro período, o povo brasileiro necessita de um partido leninista. Sem um partido dêste tipo é impossível unir as grandes massas e as fôrças patrióticas para derrubar a ditadura e liquidar o regime reacionário de latifundiários e grandes capitalistas ligados aos imperialistas norte-americanos. Construir tal partido vem sendo a preocupação básica do Comitê Central desde 1962. Ainda em sua última reunião de dezembro do ano passado, as questões levantadas no capítulo III do documento aprovado visam, exatamente, a superar deficiências que se apresentam e a elevar a combatividade do Partido a fim de que se coloque à altura das tarefas que lhe cabem realizar.

Também no que se refere à luta contra as idéias estranhas, os comunistas brasileiros inspiraram-se em Lênin. Êste emérito teórico marxista jamais deu tréguas ao oportunismo de todos os matizes. Era inimigo acérrimo do revisionismo e dos fariseus da social-democracia. Em carta a Inês Armand, revelou o quanto era atacado pelos oportunistas e salientou que a luta contra êles fôra uma constante em sua existência. "Ei-lo, o meu destino. Uma campanha após outra, contra a estupidez e o primarismo dos políticos, contra o oportunismo, etc. Isto, desde 1893. E o ódio com o qual essas pessoas mesquinhas me gratificam. Entretanto, eu nao trocaria êste destino por uma "paz" com êsses mesquinhos personagens". Em nenhum momento conciliou com os tergiversadores do marxismo ou com os falsos doutrinadores revolucionários. Desde os populistas russos até Kautski, assim como os oportunistas de direita e de "esquerda" nos primeiros anos da Revolução de Outubro — todos foram enérgicamente combatidos por Lênin. Destacava ao máximo a importância da luta ideológica como uma das formas da luta de classe. Não deixou sem resposta qualquer tese ou opinião errônea, dentro e fora da Rússia, que circulasse no movimento operário. Tinha em conta que as concepções contrárias aos interêsses do proletariado, difundidas sem contestação, mesmo em âmbito estreito, podem causar prejuízos e transformar-se em entraves de maior envergadura. Por isso mesmo, sua vasta obra está impregnada de espírito polêmico e criador, é uma defesa admirável dos princípios do marxismo. Em todos os campos de atividade, nos mais intrincados problemas da política e da filosofia, da arte e da literatura, da ciência e da economia ou da construção do socialismo, Lênin interveio para rechaçar as idéias e teorias falsas.

Sustentando a bandeira do leninismo, os comunistas brasileiros têm-se preocupado em rebater as idéias estranhas ao marxismo, tendo como alvo principal o revisionismo contemporâneo. Travaram intensa luta ideológica, sem precedentes no movimento operário do país, contra a linha adotada por Prestes, linha decalcada nas teses do XX Congresso do PCUS. E isto numa situação em que os revisionistas contemporâneos não estavam ainda sufici

entemente desmascarados no plano mundial. Não temeram romper com a organização que enveredara pelo caminho da traição. Esta luta alcançou significativos êxitos. Os partidários de Prestes apareceram com sua verdadeira fisionomia de reformistas, seguidores da burguesia, e perderam, em conseqüência dêste desmascaramento, grande parte da influência que exerciam sôbre as massas. As teses errôneas de Kruschov, aceitas sem restrições pelos dirigentes prestistas, encontraram firme oposição dos elementos que se mantiveram leais à concepção leninista. Ao combater estas teses, numa luta de princípios, difícil e complexa, não só puseram a nu o conteúdo falso das lucubrações revisionistas, como conseguiram elaborar orientação correta sôbre importantes questões da revolução brasileira.

O Partido Comunista do Brasil, depois de sua reorganização, travou luta ideológica não apenas contra o revisionismo, mas, também, contra outras tendências adversas que surgiram no movimento revolucionário, como o trotsquismo e o "foquismo". Os trotsquistas, aproveitando-se da guinada para a direita realizada pelo partido de Prestes, tratavam de reorganizar suas fôrças, já de há muito desmanteladas, e de aparecer como verdadeiros marxistas. Os leninistas não se deixaram levar pelas manobras trotsquistas e revelaram a catadura contra-revolucionária dêsses agentes do inimigo. Posteriormente, em Carta Aberta, rebateram opiniões erradas de Fidel Castro e condenaram sua integração cada vez maior com os revisionistas soviéticos. Mais tarde, mostraram a essência pequeno-burguesa e prejudicial do "foquismo" que se difundia no Brasil e na América Latina.

Assim, os comunistas brasileiros, nestes oito anos da reorganização do Partido, não deixaram de responder e de atacar as concepções opostas ao marxismo-leninismo. Esta luta ainda prossegue e está longe de chegar a seu têrmo. O PC do Brasil considera que, na presente situação, o legado de Lênin exige dos autênticos revolucionários o combate sem descanso às idéias errôneas que vêm sendo veiculadas no movimento popular e que objetivam desviá-lo do seu verdadeiro leito. Êsse legado impõe aos comunistas do Brasil aprofundar mais o conhecimento da realidade do país e da teoria revolucionária para refutar, no terreno das idéias, o que é nocivo à luta do povo, seja qual fôr a sua origem.

Igualmente, no que concerne ao caminho da revolução brasileira, os comunistas basearam-se, em grande parte, no leninismo. O emprêgo da violência revolucionária das massas constitui um dos aspectos fundamentais da obra e da ação prática do grande estrategista e tático do proletariado. Em seu livro O ESTADO E A REVOLUÇÃO, êle fundamentou amplamente, seguindo os postulados de Marx e Engels, a necessidade da violência como fôrça transformadora da sociedade e demonstrou ser impossível à classe operária conquistar o Poder pela via pacífica. "A substituição do Estado burguês pelo Estado proletário — disse — é impossível sem uma revolução violenta". Por isso mesmo, foi intransigente na repulsa aos defensores do caminho parlamentar, que negavam a luta armada para levar a cabo a revolução. Lênin mostrava que o exército permanente e a polícia são instrumentos fundamentais de fôrça do poder do Estado, a principal arma de repressão das massas populares por parte das classes reacionárias. Afirmava que sem destruir tais instrumentos não se dará a libertação dos explorados e oprimidos.

Norteando-se por estas indicações básicas, os comunistas no Brasil, em 1960, opuseram-se, de modo tenaz, às teses apresentadas e aprovadas e aprovadas no V Congresso do Partido. Justamente a defesa do caminho revolucionário, da luta armada, foi o centro dos debates então travados entre os marxistas-leninistas e os revisionistas de Prestes. Durante o govêrno de Goulart, a política do desenvolvimento pacífico, seguida pelo partido prestista e por outras correntes, estendeu-se e ganhou muitos setores da população. Na aparência, a situação parecia indicar que a via pacífica acabaria vingando no país. Mas o PC do Brasil, estribado na teoria de Lênin e numa análise realista da vida política brasileira, não cessou de desmascarar esta solução, demonstrando tôda a sua falsidade. Tendo em conta a experiência histórica dos povos, afirmou repetidas vêzes que era necessário preparar a ação armada porque as fôrças reacionárias não se entregariam sem resistência e terminariam por contra-atacar para derrotar as fôrças populares. Isto foi o que, de fato, ocorreu com o golpe militar de abril de 1964. Hoje, mais do que antes, a luta armada é uma necessidade vital para o povo brasileiro, questão decisiva, de salvação nacional. Sem empunhar armas e fazer a guerra popular, não se poderá pôr fim a uma ditadura terrorista como a que impera no país. Os militares no Poder cerraram as menores brechas à atividade democrática e estão em guerra aberta contra o povo. As fôrças revolucionárias outra saída não têm senão a de se preparar intensamente para enfrentar seus piores inimigos através da violência, derrotar as Fôrças Armadas, destroçar a máquina do atual Estado policial-militar e instaurar um Poder popular revolucionário.

O pensamento de Lênin sôbre o papel do Partido e das massas impregna a orientação do PC do Brasil. Vladimir Ilitch foi ardente partidário da mobilização, organização e educação das massas. Já em seu combate aos populistas, nos primórdios do movimento social-de-

róis "ativos" e das multidões "passivas". Via a revolução como obra de milhões de pessoas, sob a direção do Partido. "As melhores vanguardas exprimem — disse em abril de 1920 — a consciência, a vontade, a paixão e a imaginação de dezenas de milhares de homens, enquanto que a revolução é feita em momentos de exaltação e tensão especiais de tôdas as faculdades humanas, pela consciência, a vontade, a paixão e a imaginação de dezenas de milhões de homens impulsionados pela mais aguda luta de classes". Toda orientação que não visasse a ganhar as massas para a idéia revolucionária era por êle repelida com energia. Foi impiedoso com os "esquerdistas" que não levavam em consideração o nível de consciência dos trabalhadores e procuravam evitar o difícil trabalho para incorporá-los à revolução. Foi também adversário irreconciliável do seguidismo, da prosternação diante do movimento espontâneo das massas. Rebateu a tese dos oportunistas da II Internacional que dizia ser impossível a revolução sem que tôda a classe operária estivesse nas fileiras do movimento revolucionário. Ridicularizando esta tese, mostrava que nem mesmo os sindicatos, no regime capitalista, conseguem agrupar todo o proletariado. Destacou com ênfase o papel de vanguarda do Partido e o exemplo pessoal dos comunistas para despertar e mobilizar os trabalhadores. Exaltou muitas vêzes a iniciativa revolucionária e estimulou sempre as ações combativas. Para êle, o Partido devia estar à frente das massas e, ao mesmo tempo, indissoluvelmente ligado a elas.

Conquistar as fôrças populares para a luta revolucionária, levá-las à ação contra a ditadura tem merecido atenção especial dos comunistas brasileiros. A linha política traçada na VI Conferência Nacional Extraordinária tem em vista estreitar a ligação do Partido com as massas e fazer avançar a revolução. Combatendo as correntes pequeno-burguesas, os comunistas voltaram sempre o gume de seu ataque para a concepção que elas defendem de desprezo pelas massas. A orientação do Partido sôbre a luta armada, exposta no documento "Guerra Popular, Caminho da Luta Armada no Brasil", tem como viga-mestra a participação das grandes massas na luta libertadora. A mobilização dos vastos setores da população do campo e das cidades é uma garantia para livrar o país do jugo norte-americano e da reação interna. Ao mesmo tempo, o Partido, em diversos informes e resoluções, destaca a importância da iniciativa de luta dos comunistas. O exemplo pessoal, quando corresponde aos interêsses e às aspirações do povo, pode desatar incalculáveis energias revolucionárias. A guerra popular, embora sendo em essência uma guerra das massas, começa de pequenas ações que se avolumam constantemente e que se orientam no sentido de trazer contingentes populares, sempre maiores, para a participação direta na luta. O Partido não deve ficar à espera do movimento espontâneo. Tem que tomar a iniciativa revolucionária para cumprir seu papel de vanguarda, uma vez que êste papel não é desempenhado ùnicamente por uma linha acertada, mas também pela ação prática de todos os dias. Aos comunistas brasileiros cabe empenhar-se com mais decisão e constância no trabalho junto às massas. Neste aspecto, há uma longa estrada a percorrer, na qual apenas foram dados os primeiros passos. Sem dúvida, o estudo e a assimilação das idéias de Lênin muito ajudarão a realizar esta tarefa fundamental.

O PC do Brasil tem tradições de internacionalismo proletário. Procurou sempre pautar sua conduta, neste terreno, pelo exemplo leninista. V.I.Lênin tinha elevado espírito internacionalista que constituía traço marcante da sua personalidade. Colocou sempre os interêsses da revolução mundial acima de quaisquer injunções de caráter nacional. No período da I Grande Guerra, ergueu-se corajosamente contra o social-chovinismo dos partidos da II Internacional e lançou a orientação de que cabia à classe operária de cada país transformar a guerra imperialista em guerra civil contra a sua própria burguesia. Êle indicou que "o internacionalismo proletário exige: 1) a subordinação dos interêsses da luta proletária em um país aos interêsses desta luta em escala mundial; 2) que a nação que triunfou sôbre a burguesia seja capaz e esteja disposta a fazer os maiores sacrifícios nacionais em favor da derrubada do capital internacional". Dedicou enorme atenção ao movimento comunista internacional, estimulou a criação de novos partidos operários marxistas em todo o mundo. Ajudou, por todos os modos, os partidos e grupos marxistas que se desprendiam dos velhos partidos oportunistas, independente de que fôssem débeis ou fortes. Nestes partidos e grupos via o futuro da revolução mundial. Como chefe incontestável do proletariado, opinava abertamente sôbre a tática a seguir e criticava os erros e desvios que surgiam no processo de formação dos partidos. Não apenas pôs em relêvo a podridão oportunista da II Internacional como também contribuiu decisivamente para o surgimento da Internacional Comunista, que, nas décadas de 20 e 30, desempenhou missão de primeira ordem no movimento operário revolucionário mundial.

O internacionalismo proletário foi um dos motivos que levaram os comunistas brasileiros à rutura com os revisionistas de Prestes. Êstes, sob o pretexto de conseguir a legalidade, haviam retirado dos estatutos partidários a declaração expressa de que o Partido se regia pelos princípios do internacionalismo proletário. Continuando a velha tradição, o Partido, depois de sua reorganização, apoiou com firmeza e sem qualquer vacilação a China Popular quando esta foi agredida pelos reacionários hindus e posteriormente deu apoio caloroso à Revolução Cultural Proletária, logo em seu início. Colocou-se decididamente ao lado da Re

campanha de mentiras e calúnias. Manifestou sua total solidariedade ao povo vietnamita em luta contra os invasores norte-americanos. Solidarizou-se com o povo checoslovaco, vítima de pérfida agressão por parte de tropas soviéticas e do Pacto de Varsóvia. Nestes oito anos de sua reorganização, o Partido tem procurado estreitar seus laços de amizade com o PC da China, o Partido do Trabalho da Albânia e todos os partidos verdadeiramente marxistas-leninistas. Coerente com a sua posição internacionalista, o Partido sempre defendeu a opinião de que se faz indispensável maior aproximação entre os partidos marxistas-leninistas, a troca de informações e o intercâmbio de experiências entre êles, o debate das questões comuns ao movimento comunista mundial, a ajuda em todos os terrenos e o apoio mútuo — tudo isso visando ao reforçamento da luta contra o imperialismo norte-americano e os revisionistas soviéticos. Sempre considerou que o movimento comunista jamais pode encerrar-se nos mesquinhos limites do nacionalismo. Seria extremamente pernicioso se a atividade de cada partido ficasse circunscrita às fronteiras nacionais e se cada partido se desinteressasse pelo que ocorre nos demais partidos.

Para os comunistas brasileiros, o centenário de nascimento de V.I. Lênin é motivo não sòmente para destacar a ajuda inestimável que êle prestou ao movimento comunista. É também uma oportunidade para reverenciar a memória dêste profundo pensador revolucionário e para ressaltar a grandiosidade de sua obra e a atualidade de sua doutrina. Lênin abriu caminhos novos, enriqueceu imensamente o marxismo. Vivendo uma nova época, a época do imperialismo e das revoluções proletárias, que ainda hoje perdura, fundamentou as principais questões atinentes à luta dos povos neste período da Humanidade. Fêz ressurgir, como disse Stálin com justeza, a essência revolucionária do marxismo que havia sido desfigurada pelos oportunistas da II Internacional. Presentemente, quando os revisionistas contemporâneos tudo fazem para abastardar o pensamento de Lênin, retirando-lhe o conteúdo crítico e revolucionário, deturpando seu sentido proletário de classe, é dever de todos os verdadeiros marxistas salientar com veemência o caráter eminentemente revolucionário de seu pensamento, afiada arma de transformação social. O leninismo representa uma grande bandeira a ser levada adiante por todos os que almejam o socialismo e o comunismo. É um manancial inesgotável de saber que amplia os horizontes de luta dos trabalhadores.

Revolucionário em tôda a plenitude, político notável, homem de ciência, pesquisador incansável, Lênin foi inimigo de todo dogmatismo e das idéias estereotipadas. Em sua opinião, Marx e Engels, fundadores do socialismo científico, tinham lançado as pedras angulares da extraordinária doutrina social do proletariado e aos seus discípulos cabia desenvolvê-la. O leninismo é precisamente um desenvolvimento genial do marxismo. O enriquecimento da teoria do proletariado, com a generalização de novas experiências, é uma imposição do progresso social e da marcha ascendente da ciência, uma exigência da luta revolucionária. É preciso levar sempre em conta o nôvo que surge e a complexidade dos fenômenos. "A história em geral, — disse Lênin — e a das revoluções em particular, é sempre mais rica de conteúdo, mais variada de formas e aspectos, mais viva e mais 'astuta' do que imaginam os melhores partidos, as vanguardas mais conscientes das classes mais avançadas". Onde a teoria se fossiliza e as idéias se petrificam, sem ter em consideração a vida em constante movimento e renovação, o marxismo perde totalmente sua feição revolucionária, degrada-se e transforma-se numa seita, numa concepção morta, sofre uma metamorfose, torna-se o seu oposto, isto é, o antimarxismo.

O espírito do leninismo exige, assim, uma aplicação viva e criadora das grandes idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin e de seus mais destacados discípulos. O marxismo-leninismo não se esgota, nem poderia se esgotar, com a contribuição de Lênin. Já passaram 46 anos da morte dêste inolvidável guia dos povos e o mundo sofreu profundas mutações. Ainda que a Humanidade continue vivendo a época do imperialismo e das revoluções proletárias, novos fenômenos sociais e políticos ocorreram, acelerou-se a crise geral do capitalismo e a revolução adquiriu novas dimensões. Tais fenômenos têm que ser interpretados à luz do marxismo-leninismo e as soluções para os problemas da revolução demandam uma compreensão correta da realidade presente e de cada lugar e fidelidade aos princípios revolucionários. A aplicação mecânica da experiência de outros povos não poderá conduzir à vitória.

Os revisionistas soviéticos, para impingir seus contrabandos reacionários, proclamam-se leninistas e dizem que põem em prática o leninismo de forma criadora. Não passam, porém, de falsários políticos. Suas idéias nada têm de comum com Lênin, são a expressão máxima do antileninismo, uma réplica hodierna das velhas concepções que Lênin combateu incansàvelmente durante tôda a sua movimentada e prodigiosa vida. Os revisionistas contemporâneos são os mais furiosos inimigos do leninismo, os mais raivosos adversários do socialismo proletário. Brezhnev, Kossiguin, Suslov e seus comparsas transformaram, criminosamente, o partido de Lênin numa organização fascista. Adotam orientação semelhante à profligada com indignação pelo criador do Partido Bolchevique com relação aos corifeus da II Internacional : socialistas de palavra e imperialistas de fato. Com a única diferença que os social-imperia

listas desmascarados por Lênin eram agentes da burguesia, enquanto os atuais social-imperialistas são expressão da nova burguesia que surgiu na URSS.

Outros, e não os revisionistas soviéticos, são os continuadores de Lênin. Entre êstes, avulta a figura de Stálin que, empunhando o estandarte do leninismo, dirigiu a construção socialista na União Soviética e enriqueceu imensamente a doutrina do proletariado. Mao Tsetung, o maior marxista-leninista da atualidade, abordou novos problemas da doutrina do proletariado e formulou importantes teses e conclusões que hoje orientam os povos em sua luta emancipadora. Enver Hodja, o grande dirigente do povo albanês, examinou em profundidade, e de modo original, muitas questões, tornando mais rico o tesouro do marxismo-leninismo. Outros discípulos de Lênin, em diferentes países, trazem ensinamentos, tanto na teoria como na prática, que impulsionam o desenvolvimento da invencível ciência social da classe operária.

O povo brasileiro que vive uma situação em constante agravamento comemora o 100º aniversário do nascimento de Lênin, lutando contra as fôrças reacionárias internas e o imperialismo norte-americano. Esta luta reclama combatentes de elevada têmpera revolucionária. O estudo da obra e da vida de V.I. Lênin, em ligação com a prática, ajudará imensamente a forjar verdadeiros homens de vanguarda, lutadores inquebrantáveis da causa do povo e do socialismo. É da maior importância estudar Lênin, em particular, O Estado e a Revolução, A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo e O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo.

A bandeira vermelha erguida por Lênin desde a sua juventude, a bandeira gloriosa de Marx e Engels, a mesma bandeira que Stálin defendeu com tôdas as energias e que, hoje, é desfraldada por marxistas tão destacados como Mao Tsetung e Enver Hodja, tremula vitoriosa em grandes extensões do globo. Tremula também nas mãos dos comunistas brasileiros, fiéis seguidores de Lênin.

Decorridos cem anos de seu nascimento, Lênin continua vivendo no coração dos povos e sua obra magistral servirá, através dos tempos, de inspiração e exemplo a todos os que almejam o nobre ideal da sociedade sem classes, sem opressão e exploração, o ideal do comunismo.

"O caráter inevitável do revisionismo está condicionado pelas suas raízes de classe na sociedade atual. O revisionismo é um fenômeno internacional. (...) Em que reside seu caráter inevitável na sociedade capitalista? Por que é mais profundo que as diferenças devidas às particularidades nacionais e ao grau de desenvolvimento do capitalismo? Porque em todo país capitalista existem sempre, ao lado do proletariado, extensas camadas da pequena burguesia, de pequenos proprietários. (...)

"O que hoje vivemos com freqüência num plano puramente ideológico: as disputas em tôrno das emendas teóricas feitas a Marx; o que hoje se apresenta na prática somente a propósito de certos problemas parciais e isolados do movimento operário, como divergências táticas com os revisionistas e como divisões neste terreno, terá inevitàvelmente que vivê-lo a classe operária, em proporções incomparàvelmente maiores, quando a revolução aguçar todos os problemas em litígio, concentrar tôdas as divergências nos pontos de importância mais imediata a fim de determinar a conduta das massas, obrigando a separar no fogo da luta os inimigos dos amigos, a deixar de lado os maus aliados, para assestar os golpes decisivos no inimigo.

A luta ideológica do marxismo revolucionário contra o revisionismo, travada nos finais do século XIX, não é mais do que o prelúdio dos grandes combates revolucionários do proletariado que avança para o triunfo completo de sua causa, apesar de tôdas as vacilações e debilidades dos filisteus".

(V. I. Lênin - MARXISMO E REVISIONISMO)

OUÇA DIÀRIAMENTE EM PORTUGUÊS:

Rádio Pequim	- Das 19:00	às 20:00	h	- Ondas Curtas	de 30, 31 e 41	m
	Das 21:00	às 22:00	h	- Ondas Curtas	de 25 e 30	m
Rádio Tirana	- Das 18:30	às 19:00	h	- Ondas Curtas	de 25 e 31	m
	Das 20:30	às 21:00	h	- Ondas Curtas	de 31 e 42	m
	Das 22:00	às 22:30	h	- Ondas Curtas	de 31 e 42	m
	Das 23:00	às 23:30	h	- Ondas Curtas	de 31 e 42	m

32

Comentário Nacional

A Ditadura em Apuros

Na execução de sua política de subserviência aos imperialistas norte-americanos, de proteção aos latifundiários e grandes capitalistas, de favoritismo dos militares e de terror contra o povo, o general Médici proclamou há poucos dias que seu govêrno é forte e que sua preocupação é a de não cair na armadilha que lhe estendem seus adversários da oposição popular. Insiste ainda em declarar que o objetivo de seu govêrno é de promover as modificações na superestrutura política do país tendo em vista consolidar o sistema ditatorial instituído em 1964, modificações que não obedecerão a nenhum prazo determinado.

Tais afirmações indicam que há algo de pôdre no reino dos generais fascistas. Alardear fôrça ante a nação amordaçada é hábito comum dos militares, em especial depois de abril de 1964. Brandem suas armas ameaçadoras contra o povo desarmado e também cometem a suprema covardia de castigar e torturar presos políticos.

As palavras de Médici não são sinal de fôrça, mas sim expressão de que as coisas nos arraiais da ditadura andam mal, se agravam. Uma política só pode ser avaliada pelos atos e não pelas palavras, por mais sonoras e jactanciosas que sejam. A conduta de Médici é a de quem se acha de fato amedrontado. Quem teve a iniciativa de colocar na ordem-do-dia política as baionetas e de empregar o terrorismo como método principal de govêrno, foram os golpistas de 64. De forma que o general Médici deve dirigir suas queixas a respeito da armadilha do terror a seus próprios comparsas. Querer passar por vítima é uma escamoteação digna de tartufos, como são os novos déspotas do país. O seu a seu dono.

Não é de hoje, com efeito, que a ditadura, crescentemente desmascarada pela campanha popular contra seus tenebrosos crimes, procura engodar a opinião pública, apresentando os opositores como bandidos. Entretanto, o descontentamento e a revolta do povo brasileiro não se manifestam só nem principalmente através de atos de sequestros e apropriações, atos que a ditadura trata de exagerar a fim de justificar sua feroz ação repressiva e de legitimar sua concepção de Segurança Nacional. O certo é que, apesar da censura e das terríveis perseguições a que está submetido, o povo protesta e continuará a protestar e a lutar, por tôdas as formas a seu alcance, contra a ditadura e sua política de fome, arrôcho, entreguismo, supressão das liberdades e torturas. Soam cada vez mais alto as vozes populares para condenar a prática dos assassinatos e dos suplícios inflingidos aos prisioneiros políticos nas masmorras e nos quartéis do país.

Os ecos da campanha nacional contra as torturas já ultrapassaram as nossas fronteiras e comovem amplos setores da opinião democrática internacional, cujos pronunciamentos estão se fazendo sentir. A ditadura, porém, quis fazer ouvidos de mercador diante dêste ascendente clamor. Mostrou-se desentendida. E como, ao mesmo tempo, fôsse levantada a acusação de genocídio em relação aos nossos indígenas, a ditadura opôs desmentidos formais, fêz confusão e procurou sair pela tangente. Mas não se tratava simplesmente de matança de índios. A denúncia concreta, formal, irrefutável é a de que, a partir de 1964, a ditadura vem assassinando indiscriminadamente cidadãos de vários credos e côres, todos brasileiros que não afinavam com o regime. Também foi oficializado o método nazista de martírio de refêns, de sevícias nas famílias dos presos. A ditadura vem sendo atacada, dentro e fora do Brasil, pelas correntes democráticas, como um regime de torturadores, de terroristas. Ou como ironicamente diz o insuspeito correspondente no Brasil do Corriere della Sera, de Milão: "Não se pode dizer que os militares malogrem em todos os objetivos. Lamentàvelmente, possuem ótimos técnicos, inclusive no setor das torturas". Símbolo e espêlho da ditadura é, sem dúvida, o Esquadrão da Morte.

Atualmente a ditadura, considerando que a tática do desmentido ou a do silêncio não bastam, empenha-se na busca de "aliados" que se prestem ao falso papel de julgadores imparciais de seus méritos. Conseguiu mobilizar o cardeal Agnelo Rossi para dar seu testemunho e tentar atenuar as críticas que se avolumam, sobretudo entre o clero e no estrangeiro. E pretendeu, como importantíssima meta de sua diplomacia, trazer o Papa para assistir ao Congresso Eucarístico Nacional.

Apesar dêsse esfôrço, a ditadura revela-se dia a dia mais enfraquecida e isolada. Foi o que reconheceu um dos mais notórios chefes do grupo da Sorbonne, o marechal pró-americano Cordeiro de Farias. Em palestra na Escola Superior de Guerra, fazendo um balanço dos seis anos de duração do govêrno dos militares, teve que admitir que o povo brasileiro não se havia iludido com a política da ditadura. Confessou que as massas populares participaram de um autêntico levantamento contra o sistema instituído em 1964. Por isso, o velho marechal golpista preconiza que o govêrno de Médici seja mais hábil e saiba combinar o método da repressão com o da demagogia.

Além disso, ao decretar novas leis reacionárias, como a das inelegibilidades, e na

(Continua na página 11)

Panorama Internacional

O Golpe no Camboja

O golpe de Estado que apeou do poder no Camboje, em março próximo passado, o príncipe Norodon Sihanouk e o substituiu pela camarilha direitista pró-ianque do general Lon Nol, constitui mais um passo extremamente perigoso na escalada agressiva do imperialismo norte-americano no Sudeste Asiático. Apesar do intenso fogo de barragem da propaganda ianque no sentido de mostrar a imparcialidade dos Estados Unidos no acontecimento e de atribuir o golpe ao descontentamento existente entre os chamados nacionalistas cambojanos contra supostas violações do território do Camboja por tropas vietcongs e vietnamitas do norte, torna-se iniludível e fácil de verificar onde se encontram os verdadeiros fomentadores e responsáveis pelo referido golpe.

O príncipe Sihanouk defendia, no fundamental, uma política que consultava os interêsses da causa da paz e da neutralidade do Camboja e da península da Indochina, da qual seu país é parte integrante. Reclamava o respeito aos acordos de Genebra, de 1954, que assegurava essa neutralidade e preconizava a manutenção da independência e da soberania do Camboja, do Laos e do Vietname, que formam a Indochina. Mas os Estados Unidos jamais respeitaram os acordos de Genebra. Sob o pretexto de conter o comunismo e isolar a China Popular, os imperialistas ianques ocuparam e agrediram o Vietname do Sul, desencadearam uma guerra de aniquilamento implacável do povo vietnamita. Supondo que seu poderio militar e sua refinada demagogia lhes garantiriam êxito rápido à empreitada sinistra, subestimaram inteiramente os sentimentos nacionais e as aspirações democráticas dos vietnamitas. Por isso, caíram em desespêro e aumentaram suas atrocidades quando viram fracassar seus planos iniciais diante da inquebrantável, prolongada e heróica resistência do povo do Vietname. A intensificação da guerra no Vietname colocava o imperialismo dos Estados Unidos cada vez mais num beco sem saída.

Agora, os imperialistas ianques estão utilizando uma nova tática, inclusive para acalmar a crescente oposição existente nos próprios Estados Unidos contra a guerra agressiva no Vietname. Conforme anunciou Nixon em Guam e em sua Mensagem Sôbre o Estado do Mundo, os governantes de Washington pretendem retirar parte das tropas ianques da região e conseguir seus primitivos objetivos através do que denominam "vietnamização da guerra". Esta tática, ainda mais fraudulenta e agressiva que a anterior, deve ser aplicada aos demais países da Ásia e não só ao Vietname. É a política de lançar irmãos contra irmãos, asiáticos contra asiáticos, e assim por diante. De acôrdo com essa nova orientação estão agindo os agentes norte-americanos no Sudeste Asiático. Prepararam um exército mercenário clandestino no Laos, sob contrôle da CIA, a fim de surpreender as fôrças patrióticas laocianas e liquidá-las. E quando sofreram uma contundente resposta dessas fôrças, apressaram-se a bombardear o país, a dar apoio logístico às tropas reacionárias, a intrometer-se abertamente nos assuntos internos daquela nação. O golpe do Camboja é outro lance preconcebido e arquitetado pelos agentes ianques e seus lacaios. Só quem fôr demasiadamente ingênuo ou estiver cego pode aceitar a idéia de que êsse golpe tenha sentido nacionalista e democrático ou vise a livrar o Camboja da guerra e da dominação do imperialismo ianque.

Todos os fatos indicam que os Estados Unidos, além de não terem a intenção de deixar o Vietname do Sul, tudo farão para expandir seu campo de ação. Seus apetites são insaciáveis. A fim de satisfazê-los, serão capazes de cometer crimes ainda mais monstruosos que os já cometidos. A fria matança de prisioneiros civis vietnamitas pela polícia de Lon Nol, sob as alegações as mais infames, é apenas o resultado lógico da política de canibais em que se especializaram os imperialistas ianques e seus lacaios em todo o mundo.

As fôrças populares do Brasil, que de há muito aprenderam a conhecer a verdadeira catadura do inimigo comum dos povos — o imperialismo norte-americano — sabem avaliar o que representa a farsa sangrenta representada por êle no Camboja e o perigo que encerra para a causa da independência das nações do Sudeste Asiático bem como para a paz na Ásia e no mundo. Estão, em conseqüência, decididamente contra o golpe da camarilha direitista do general Lon Nol e apóiam entusiàsticamente a luta libertadora e patriótica do povo cambojano que se agrupa em redor do príncipe Norodon Sihanouk e tem no recém-criado Exército de Libertação Nacional seu instrumento de combate. Compreendem que o exemplo do povo vietnamita, da guerra popular para derrotar os agressores norte-americanos, é o único caminho capaz de conduzir à vitória.

A valente resistência do povo do Camboja indica que os imperialistas ianques colherão mais um fracasso. A extensão da guerra a todo o Sudeste Asiático não os salvará. Ver-se-ão, ao contrário, envolvidos pelas ondas potentes da indignação dos povos da Indochina que, longe de dividir-se, unir-se-ão ainda mais para expulsá-los e conquistar sua liberdade.

Quem Favorece o Imperialismo ?

A imprensa revisionista soviética continua desenvolvendo sua campanha de calúnias contra Mao Tsetung e os comunistas chineses. Por meio dêsses ataques procuram desacreditar também o movimento revolucionário de outros países. Recentemente, o diário "Sovietskaya Rossia", de Moscou, publicou uma longa matéria em que procura demonstrar que os chineses propõem aos povos da América Latina, Ásia e África um falso caminho ao defenderem um "conceito aventureiro do desenvolvimento da luta armada". Menciona países dirigidos por govêrnos "revolucionários" onde os marxistas-leninistas estão lutando contra o regime. Para que se possa apreciar a seriedade dos argumentos do jornal revisionista, basta dizer que êle está entre os que utilizam a brutal repressão desenvolvida pelos militares golpistas na Indonésia para responsabilizar os chineses pela morte de centenas de milhares de revolucionários naquele país! No entanto, são os revisionistas soviéticos — e não os comunistas chineses — que mantem estreitas e cordiais relações com a camarilha pró-imperialista da Indonésia, à qual prestam ajuda não só econômica como também militar. O conceito revisionista de "govêrno progressista" parece bastante elástico...

Tôda a argumentação dos revisionistas visa a conduzir à conhecida acusação: as posições defendidas pelos comunistas chineses e pelos marxistas-leninistas de outros países favorecem o imperialismo porque acarretam a "divisão dos comunistas". Esta acusação dos revisionistas é como falar em corda em casa de enforcado. Volta-se contra os próprios revisionistas, em quem a carapuça assenta perfeitamente. Foram os revisionistas que dividiram o movimento comunista mundial, ao traírem o marxismo-leninismo. E são êles que favorecem o imperialismo, não só pela divisão que causaram, mas diretamente, através da colaboração e do conluio.

Os brasileiros estão em posição privilegiada para formarem um juízo sôbre o papel desempenhado pelos revisionistas soviéticos. Basta que se apreciem os fatos relacionados com a colaboração em vários terrenos entre o govêrno soviético e a ditadura militar pró-imperialista que infelicita o nosso país.

Tudo começou no govêrno de Castelo Branco. Depois de um longo período de gestões, em que os soviéticos não pouparam esforços para estreitar suas relações com o govêrno saído do golpe de abril, uma delegação chefiada pelo conhecidíssimo agente do imperialismo, Roberto Campos, foi a Moscou para "discutir a dinamização das relações de troca entre os dois países".

Realmente, as relações foram dinamizadas, à base do acôrdo comercial então assinado. A ajuda econômica soviética à ditadura militar se ampliou, em empréstimos, financiamentos, equipamentos e assistência técnica. A Câmara de Comércio soviética chegou a encomendar uma pesquisa de mercado no Brasil. A mostra soviética no Pavilhão Internacional de Exposições do Ibirapuera, no ano passado, foi um acontecimento relevante no mundo dos negócios. Quem a montou foi a "Alcântara Machado", emprêsa de promoções e publicidade ligada aos interêsses norte-americanos.

Recentemente foi firmado um acôrdo de fretes entre a ditadura e o govêrno soviético. Os americanos não estão de fora. Disse o comandante Cordeiro de Mello, representante do do Brasil, que o acôrdo "não exclui navios de uma terceira nação de participação no transporte". Aliás, os soviéticos, já antes, haviam contratado com uma grande emprêsa automobilística americana instalada no Brasil, o transporte da Alemanha Ocidental para o pôrto de Santos, em navios soviéticos, de cêrca de 7 mil toneladas de chapas de aço.

Essa colaboração triangular, envolvendo ditadura militar-imperialismo americano-revisionistas soviéticos, vai mais longe. Um dos golpes da ditadura no monopólio estatal de petróleo foi a concessão feita ao grupo "Byington", subsidiário do truste americano "Aluminium Company", para explorar o xisto betuminoso no Vale do Paraíba. Como se sabe, o xisto betuminoso é uma das fontes de combustíveis líquidos. Pois bem: a maior parte do investimento dessa emprêsa, que vulnera o monopólio estatal de petróleo e na qual os americanos estão interessados, será financiado pelos soviéticos, conforme acôrdo que começou a ser negociado pela Missão Roberto Campos. Trata-se de um financiamento de 150 milhões de dólares, o maior, segundo fontes soviéticas, até hoje fornecido pela URSS ao Ocidente.

Uma das áreas em que a ditadura enfrenta sérias dificuldades é a da educação. Os estudantes brasileiros e um grande número de professôres vêm se opondo com firmeza ao regime militar. A ditadura se esmera em reprimi-los com violência. Ao mesmo tempo, tenta seduzir os setores mais atrasados da massa estudantil com medidas como a modernização do equipamento das escolas. Para isto conta com a ajuda dos americanos, através do Banco Interamericano de Desenvolvimento. E com a ajuda dos soviéticos e de outros países revisionistas, que fornecem a maior parte dos equipamentos, e que entram assim no esquema dos acôrdos MEC--USAID. O fato chegou a ser citado na mensagem de Garrastazu ao Congresso, neste ano.

Fontes americanas, conforme notícia recentemente distribuída pela UPI, informam que o Brasil e a Argentina "são os dois países latino-americanos com comércio mais ativo com o bloco comunista".

Os soviéticos justificam a ampliação do comércio com os governos latino-americanos afirmando que se trata da aplicação do princípio de relações com países de regimes diferentes. Ou, como disse o "Pravda" de 1º de abril, porque o "desenvolvimento do comércio com a União Soviética cria condições para que algumas nações latino-americanas possam opor-se às pressões econômicas dos Estados Unidos". Ora, por êsse raciocínio, o Brasil e a Argentina deveriam, então paralelamente ao crescimento seu intercâmbio com a URSS, apresentar, através dos seus governos, crescente resistência ao imperialismo americano. E é exatamente o contrário que acontece. Em ambos os países, o que mais cresce é a brutalidade da repressão policial e a subserviência das respectivas ditaduras militares ao imperialismo americano. Na verdade, a "ajuda" soviética a regimes títeres do imperialismo não tem e não pode ter nada de "libertador". Está inserida no quadro da "colaboração pacífica" entre os revisionistas e o imperialismo ianque. Esta colaboração não exclui atritos e contradições, como é próprio entre grandes potências que levam a cabo políticas chovinistas. Mas é acima de tudo colaboração, principalmente na América Latina, área dos EEUU e onde os revisionistas desempenham de bom grado o papel de bombeiros da revolução. Envolver nisto o princípio das relações com países de regime diferente é tomar uma excessiva liberdade com a palavra princípio.

A identificação da política soviética com a política dos Estados Unidos na A.Latina se revela até nas palavras. Referindo-se ao reatamento das relações com a Venezuela, o "Pravda" afirmou que Moscou se propõe a "desenvolver as relações comerciais com os países da América Latina, não importa o tipo de govêrno que tenham". É exatamente esta a fórmula também utilizada pelos porta-vozes da Casa Branca, desde o Relatório Rockefeller, para justificar o apoio às ditaduras militares no Continente.

Cabe perguntar: quem então favorece o imperialismo?

Repúdio a Plano do MEC

A demagógica política do "diálogo" que o ministro da Educação, coronel Passarinho, se propôs instituir para o trabalho de seu Ministério com os estudantes, vem de sofrer um duro revés. Por esmagadora maioria os universitários repudiaram a constituição da chamada Assessoria Estudantil. Esta deveria ser composta de estudantes escolhidos pelos DDAA, submetidos a seguir a uma triagem a ser realizada pelas reitorias a fim de serem indicados ao ministro que, por sua vez, elegeria os mais sabujos para assessorá-lo. Isto é, serviriam de porta-vozes de Passarinho junto a seus colegas. Evidentemente, tal trabalho dos novos pelegos não seria gratuito: deveriam receber uma ajuda financeira mensal, além de passagens aéreas de seus Estados a Brasília tôdas as vêzes que tivessem de se reunir. Caso conseguisse apoio entre os estudantes para seu plano, o ministro-coronel teria dado um passo sério para concretizar o sistema de peleguismo entre os universitários, sistema que julga capaz de amortecer as lutas estudantis, corromper certos setores e isolar os estudantes mais combativos.

Mas o projeto encontrou o repúdio maciço dos estudantes. A começar pela própria apresentação da lista de candidatos a assessores na data-limite de 15 de abril, a coisa fracassou, não obstante todo o esfôrço dos reitores para cumprir as diretivas do MEC. Isto porque os estudantes se negaram simplesmente a indicar os candidatos a pelego. Na Universidade Católica de Minas Gerais, por exemplo, o DCE, antes de indicar candidato, resolveu promover um plebiscito entre os universitários. Resultado: 93% dos estudantes se pronunciaram contra e o DCE desistiu da indicação. Na Universidade do Paraná, os diretórios recusaram-se a fazer indicações. Em São Paulo, a Reitoria da USP solicitou a 12 dos 17 diretórios (5 estão fechados) que fizessem suas sugestões e somente quatro o fizeram. Na Universidade do Brasil, na GB, o reitor não pôde realizar sequer a consulta pelo fato de que todos os diretórios estavam proibidos de funcionar.

A revista "Veja" publicou, em um dos seus últimos números, que após consultar centenas de estudantes em diversos Estados, os mesmos, em expressiva maioria, se manifestaram contrários à Assessoria. Ao mesmo tempo, reclamaram a falta de vagas, de verbas, de liberdades para discutir suas questões, etc.

Para corroborar o sentimento geral dos estudantes contra a ditadura vale relatar as declarações do coronel Mauro, secretário-geral do MEC, aos participantes do Congresso dos Estudantes de Medicina, realizado há pouco em S.Paulo. Interpelado a respeito do futuro do plano do MEC sôbre a famigerada Assessoria, o coronel confessou a dificuldade de constituí-la, porque mesmo que chegasse a se concretizar, o ministro Passarinho teria de precaver-se pois poderia vir a ser assessorado por subversivos. Contou, então, que uma de suas secretárias — moça eficiente, trabalhadora e capaz — fôra prêsa como "terrorista".

Realmente, os generais e coronéis que orientam a educação no Brasil precism ter m

Baianos vão às Ruas

(Do correspondente) - Significativas manifestações populares assinalaram, em Salvador, a passagem do segundo aniversário do covarde assassinato do estudante Édson Luís, pela polícia carioca. No dia 28 de março, os estudantes, que encabeçaram as manifestações, distribuíram centenas de folhetos intitulados "Testamento de Judas". Em versos, como é costume dos baianos, o "Testamento", assinado pela UNE, pela UBES, pela UEB e pela Associação Baiana dos Estudantes Secundários, faz um sério desmascaramento da ditadura, de sua política contra o povo e os interêsses nacionais. Ao mesmo tempo, faz um caloroso chamamento aos operários, aos camponeses, aos estudantes, aos funcionários públicos, aos intelectuais e aos sacerdotes para que lutem contra os militares que se apossaram do poder e realizam as mais torpes torturas contra seus adversários.

O "Testamento de Judas" alcançou enorme repercussão popular. Todos, na cidade, passaram a comentar seus dizeres, e muitos, a repetí-los. O Epílogo, após mostrar que a fôrça da ditadura é apenas aparente e que esta acabará enterrada pela luta do povo, conclama a unidade e a ação.

"Lutemos unidos, baianos,
Para acabar a opressão
Embora o inimigo seja forte
Nós é que temos razão.
A verdade um dia triunfa
Com fé em Deus, arma na mão
Unidos como um só homem
Libertaremos a Nação."

No dia 29, centenas de estudantes realizaram combativo comício-relâmpago na praia de Pituba. Os banhistas aderiram entusiàsticamente à manifestação contra a ditadura.

Assim, os estudantes e o povo de Salvador renderam suas homenagens a Édson Luís e protestaram contra a ditadura e o imperialismo. Deram sua contribuição às manifestações semelhantes que se realizaram em outras cidades do país contra a repressão, as torturas, os assassinatos de patriotas e exigiram liberdade e a defesa da soberania nacional.

"Nós comunistas, somos pessoas de uma têmpera especial. Somos feitos de uma trama especial. Somos os que formam o exército do grande estrategista proletário, o exército do camarada Lênin. Nada há mais elevado que a honra de pertencer a êsse exército. Nada há mais elevado que o título de membro do Partido, cujo fundador e chefe é o camarada Lênin..."

(I.V. Stálin — Discurso pronunciado nas exéquias de Lênin)

A Ditadura em Apuros (conclusão da página 7)

medida que escolhe arbitràriamente os futuros governadores estaduais, Médici, longe de fortalecer a unidade dos reacionários em tôrno de seu govêrno, amplia a área de atritos e divergências entre os próprios grupos que apóiam a ditadura.

Nestas condições, como poderá o general Garrastazú consolidar o regime de quartel que quer impor ao povo brasileiro? Êste objetivo já se havia proposto, com melhores chances e mais astúcia, o marechal Castelo Branco, que impingiu uma avalancha de leis e chegou a outorgar uma nova Constituição ao país. Ao mesmo fim dedicou-se o marechal Costa e Silva, cujo destino todos conhecem. A sorte de Garrastazu Médici não será mais brilhante. Isto porque a política antinacional e antipopular da ditadura se choca frontalmente com os interêsses fundamentais e com as aspirações do povo brasileiro. É uma política sem futuro.

É evidente que a ditadura militar não apenas se vê a braços com enormes dificuldades, como também se apresenta em defensiva no terreno político. Em face disso, as fôrças patrióticas e democráticas devem lutar com maior audácia em defesa das reivindicações e dos anseios populares e reforçar sua campanha de desmascaramento do regime militar. Devem unir-se, recorrer a tôdas as formas de luta e trabalhar intensamente para preparar e desencadear a guerra popular, a fim de destruir a ditadura e conquistar um govêrno popular-revolucionário.

Primeiro de Maio

A data internacional dos trabalhadores adquire um significado especial para os brasileiros, neste ano de 1970. Talvez se possa afirmar que nunca foi tão difícil a situação da classe operária em nosso país. Seis anos após o golpe militar de 1964, o país encontra-se mergulhado no terror policial, sob o tacão de uma ditadura militar-fascista que tudo nega ao povo e tudo dá aos capitalistas estrangeiros, aos fazendeiros, aos banqueiros, aos grandes capitalistas nacionais. A classe operária sofre as conseqüências desse regime antipopular também na forma de arrocho salarial, continuado aumento do custo de vida, desemprego crescente, intensificação do ritmo de trabalho e, como resultado, do aumento do número de acidentes do trabalho, crise de habitação, total garroteamento da liberdade sindical, do direito de greve, revogação de antigas conquistas legais, etc.

A ditadura militar não deixa de fazer sua demagogia "trabalhista". Esta demagogia não encontra eco. Mas revela o medo que causa aos militares no Poder a possibilidade de que a classe operária se agite, reivindique e lute.

Êste fato é cada vez mais compreendido pelos trabalhadores: a ditadura os teme! Os militares percebem que todo o seu poder será insuficiente para deter a maré proletária se a classe operária se unir e milhões de trabalhadores brasileiros se engajarem na luta. A preocupação dos militares fica evidente quando seus porta-vozes fazem pronunciamentos a respeito da denominada "subversão", isto é, da resistência popular à ditadura. Lamentam, como o fez em seu discurso na Escola Superior de Guerra o ditador de turno, que as medidas sociais que põem em prática não sejam "compreendidas" pelos trabalhadores. Frisam, mal escondendo o suspiro de alívio, que a classe operária ainda não lhes cause os sérios problemas que os estudantes, por exemplo, lhes proporcionam. Na verdade, em 1968, o movimento operário havia reiniciado sua marcha, com a eclosão das primeiras grandes greves desde 1964. Entretanto, devido à fraqueza da organização da classe operária, êste reinício foi contido temporariamente através da mais feroz repressão. Apesar disso, no ano que passou, importantes campanhas salariais foram realizadas, particularmente na GB e em São Paulo, os dois principais centros operários do país. Mas os militares conseguiram conter o movimento que se iniciava. Fizeram-no porque — por enquanto — têm o monopólio do fuzil. O que não conseguiram, nem conseguirão, é remover as causas do descontentamento e da revolta do povo brasileiro. Portanto, é inevitável que ressurjam as lutas.

Os trabalhadores — principalmente os operários de vanguarda — precisam tirar experiências das lutas travadas nos últimos anos e se preocupar, nesta fase em que o movimento de massas está contido pelas baionetas, em como se preparar para as novas lutas que fatalmente virão. É indispensável, para o sucesso destas lutas, que o papel desempenhado pela classe operária seja maior do que nos anos anteriores. Em 1968, o pêso principal do movimento foi carregado pelos estudantes. A classe operária pode e deve assumir o honroso papel de vanguarda de todo o movimento. Para isto, é preciso estudar seriamente, em cada cidade, em cada fábrica, em cada seção de trabalho, como realizar a agitação e a organização dos trabalhadores, quais as palavras-de-ordem mobilizadoras e as formas de luta adequadas nas condições difíceis de repressão policial sem freios, de vigilância e espionagem permanente contra o proletariado. A história do movimento operário nos indica que é sempre possível fazê-lo. A classe operária brasileira já tem uma certa experiência acumulada. Não havia feroz repressão quando das formidáveis greves gerais de São Paulo de 1953 e de 1957? E os operários de outros países também não lutam, apesar da repressão? Aí estão os exemplos que nos dão os trabalhadores da Espanha franquista e da nossa vizinha Argentina. Nas condições brasileiras, é necessário ter em conta que um fato ajuda poderosamente a vanguarda proletária. Êste fato é a diminuição da influência das ilusões reformistas no proletariado brasileiro, por fôrça da dolorosa experiência vivida desde 1964.

Um poderoso movimento de massas nas cidades, em conjugação com a luta armada no campo, é a melhor maneira de golpear a ditadura e o imperialismo. À medida que a guerra popular se desenvolver, também nas cidades se desenvolverão poderosas ações armadas. E a classe operária, que é a fôrça dirigente da revolução brasileira, demonstrará ainda mais seu papel de vanguarda, tomará as armas para derrocar seus opressores e exploradores. Esta é a perspectiva do proletariado, que tem nos camponeses, nos estudantes e em outras camadas populares fiéis aliados.

Neste 1º de Maio, os trabalhadores brasileiros passarão em revista suas fôrças e se aprestarão para novos combates contra a ditadura e o imperialismo.